

Conclusão

Mais que riscado, o leitor é uma superfície vibrante. Saltando de risco em risco, a sua alma diz o texto, variando as entoações, sempre falhada a voz.

(Manuel Gusmão)

A cristalização de uma leitura do mito de Don Juan como figura transgressora, individualista, dissolvida em margens, desfigurado, pode levar a perder a complexidade e a riqueza desse mito para alguma compreensão dos momentos em que vivemos. Petrificar o imediatismo como um puro modo de viver inconseqüente, talvez seja uma forma de apagar algumas tonalidades tão importantes dentro da complexidade dos processos de subjetivação experimentados na contemporaneidade.

A pergunta pode ser como se chegou ao imediatismo?

O que este mimetismo sugerido, ou mesmo este vampirismo anunciado pode estar indicando?

O que pode Ter sido adiado que agora clama e exige imediatamente sua compensação?

Deixemos em suspensão o julgamento moral de se imediatismo. Talvez seja uma especulação interminável, no entanto, ela pode ser bastante útil para trazer à luz mais uma possibilidade de leitura.

Podemos partir do zero, de que é o imediatismo uma forma descompromissada e impulsiva de lidar com o prazer, com o encontro, coma busca do outro de si. Podemos considerar uma outra origem a fim de fazermos um exercício de compreensão: quem sabe, entendendo que aquilo que foi por tanto tempo sonogado reclama agora seu lugar, seu espaço. As instituições podem Ter dominado por tanto tempo os desejos dos indivíduos que agora os indivíduos vêm-se sufocados por elas e encontro no imediatismo um modo de lidar com os adiantamentos.

São discussões discursivas, apenas, mas que revelam versões de inúmeras perversões seculares. Até que ponto seria de fato necessário o discurso precisou mediar tão intensamente as experiências.

Encarar o desastre, encarar o rosto que formamos cotidianamente a cada omissão, a cada queixa e a cada fala “sobre” o leitor ou “sobre” a literatura. Estava dito o não-leitor; estava feito o não-leitor. E agora? *E agora José?* Para onde seguir? Se é que se pode ou se quer seguir. Se é que cabe seguir. Foi preciso parar tudo. Tudo: Ler. Escutar música. Escrever. Amar. Parar de parar. Interromper pausas. Está certo você tem razão. Mais uma vez você tem razão, mas e daí? É preciso não esquecer que ter razão é muito importante para o orgulho, para a vingança, para o desespero.

Então, novo percurso, novo início, pausado, modesto, paulatino, agora com signos inteiramente novos para o ritmo cotidiano, palavras absolutamente inusuais, exiladas do exílio que é escrever. Com essa tentativa de sair da moda, do atual, do passado retrô, da nostalgia, do conhecido, do que não oferece qualquer resistência e, no entanto, faz tanto sucesso (não é fácil amar a facilidade, por vezes ela é a própria tentação de seguir deslizando, dado o cansaço e até da desesperança, preço da perda da inocência, figura do limite). Submetemo-nos, assim, à pergunta durante os quatro anos, sem darmos conta da cilada em que nos pusemos ingenuamente: **Por que Don Juan ainda canta?**

Bastava ter respondido a primeira, por que Don Juan canta? Estava posto, estava bom, embora não restituísse o coração. Restituiria a razão, o que já era muito depois de quase se perder a razão. Era preciso voltar a sentir, voltar a conhecer e experimentar. Era preciso porque “navegar é preciso”. Empreendemos nova viagem, com algum movimento, lento, tardio talvez, mas ao menos com razão e emoção, até onde é possível quando se escreve uma pesquisa. Nessa outra viagem de deixar-se afetar por si mesmo, outros sentidos chegaram: mito, personagem e comunidade, talvez buscando um outro que não quer ser enunciado, mas que está o tempo todo presente. Sigamos então a viagem.

Enfim, os portais que se colocam à frente desse mito de Don Juan nos desafia a olhar a contemporaneidade justificam seu legado como sua “cantoria” permanente, a ressonância de suas conquistas e vertiginosas movimentações. O inacabamento como tema para este mito atualiza o que durante séculos vinculou-se a ele virtualmente, enquanto história que há de vir para se recontar e ler Don Juan de maneiras diferentes.

A energia pulsante e *adolescente* desta figura estética, enquanto um permanente *pré-existente* (Zambrano), traz em si o paradoxo daquele que é mais pelo que não é ainda, mas está lá para ser/ler, ou seja, pelo virtual, do que pelo que é ou foi lido até agora. Seu desejo incontinente coloca-nos diante da impermanência de leituras, da linguagem, dos textos, de corpos. E é exatamente esta inconsistência no modo de ser que faz com a Literatura e as artes em geral sejam consistentes e “saúde”.

A inconsistência é a qualidade maior para “o próximo milênio” que já se instalou. Os *Amores líquidos* (Bauman, 2004) e incertos, ou as leituras líquidas e “ficantes”, sem aparente vínculo afetivo, talvez redimensionem o valor e lugar da linguagem e do conhecimento em nosso cotidiano, fazendo-nos repensar sobre a quantidade de informações e sobre a qualidade formações; sobre a quantidade de leituras e a qualidade das experiências; sobre a quantidade mediante a qualidade.

Deste modo, é o tema da influência que retorna. Quanto seremos influenciados pelos discursos, pelas leituras que fazemos e deixamos de fazer? Quanto influenciaremos pelas leituras feitas, enquanto professores? De que modo estas leituras irão de fato influenciar, seduzir, atrair? - Três instâncias tão diferentes no jogo da leitura. Quanto de fato saberemos tanto de leitura que um aluno fez, sua erudição é suficiente? Haverá um jogo de erodição por trás da erudição.

Se nem tudo é o que parece e se tudo no mundo é burla, onde está a saída do labirinto desse conhecimento vorazmente buscado?

Voltamos à questão do mito literário depois desse trajeto tortuoso, mas compensador em termos de sugestão de tensão a ser pensada e na medida do possível (re) mediadas, as validades desse legado do mito literário de Don Juan expõe algo da esfera do conhecimento que talvez ainda seja necessário algum tempo para ser dimensionado, porém já podemos entrever que se o que tomamos como verdadeiro vem sendo desmontado e recolocado como falso, desfazendo crenças e mitologias, no sentido barthesiano, em que o “mito é tudo e nada”; temos ao lado disso, em companhia, como bem quer o “pós-modernismo” em certa medida, o falso construído sobre o falso, o ficcional, criando um outro mundo. Um mundo que é deste mundo, porque a ele se refere e dele tira elementos, como o próprio código de que dispõe, a língua; fora dele porque já o

desfaz em suas crenças, *mitologias*, e porque o desfaz ao menos em termos de idéias, propõe pensar, imaginar o mundo de outra maneira, em outros termos, com as mesmas palavras, mas já referidas como termos de sentidos diferentes, ambíguos.

De um lado o desencantamento, de outro o entusiasmo com o novo, e é na tensão de ambos que surge o desafio de pensar, poderíamos dizer de imaginar, inventar, fabular, o novo, o impensável, o inaudito, que para além do já dito e do interdito propõe novas tecnologias ao pensamento, novos recursos, novos instrumentais, novas categorias, novos gêneros, novos modos de ler e de ver o leitor, novos modos de sentir.

Nesta direção o conceito de *acoplagem* de Hans Gumbrecht é bastante produtivo, em meio a esse contexto de navegação (para adiante de máquinas vaporosas), pois entre interatividade e narratividade possíveis, podemos ter a vivência além de ritmos diferenciados, ainda pouco produtivos do ponto de vista estético, já que a questão trazida pelo filólogo alemão girou em torno do que possibilita passar da formação para a representação. No *comportamento de busca* interativo, como de maior contato com a superfície do ciber espaço, maior tempo de exposição à rede pode-se ter uma acoplagem simples, ora de mudança de ritmo para o buscador, ora uma acoplagem de nível mais intensificado e complexo, e portanto produtiva. O desafio é pensar que todo o processo de descontinuidade na continuidade do processo de acesso e busca, poderá gerar acoplagens sobre acoplagens.

Talvez aí surja de fato o “Ler” de Maurice Blanchot, em o *Espaço literário*, sem a circularidade que volta ao mesmo ler encarnado, personificado, mas num movimento espiral que em ponto, por vezes cego a nós buscadores, toca no limite para que nova história se faça na aventura de navegar pelo conhecimento. O ato de ler em toda a sua simplicidade complexa.

Deste modo, sob o signo de netuno encontramos um leitor contemporâneo, ora mergulhando sob os sites e links da tela de cristal líquido, ora deslizando sobre as ondas do *ir e vir* de memórias, ora sendo assaltado pelo efeito *cascata*⁷⁹ que as experiências sucessivas levam-no a modernizar os sentidos. O que nos

⁷⁹A imagem é sugerida na discussão conceitual disparada por Gumbrecht em *Modernização dos sentidos*, 1998, sobre modernidade e pós-modernidade. Discussão rica e antecipadora de percepções de experiências que estamos evidenciando.

parece é que estaremos nesse início de milênio tendo de conviver com a confusa mistura de práticas leitoras ancoradas numa modernidade de amplo espectro, mas de caráter fundamentalmente dicotômico e dualista e práticas outras acionadas por esta outra figura navegadora, que por prudência preferimos não dar-lhe qualquer representação ainda, e intuir seus deslizes de leitura de escrita, de atos de fala, e tão somente anotar seu *comportamento de busca*, por líquidos *nunca antes navegados*.